

# MOVIMENTOS DE MULHERES: (RE)CONSTRUINDO SUBJETIVIDADES FEMININAS EM TERESINA, PIAUÍ (1980)

Claudia Cristina da Silva Fontineles<sup>1</sup>  
Jayra Barros Medeiros<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo analisa o movimento de mulheres na década de 1980 e suas ressonâncias nas subjetividades femininas, discutindo as permanências e mudanças promovidas na cotidianidade, na produção de identidades e nas relações de sociabilidades do gênero em Teresina. Para tanto, levou-se em consideração que homens e mulheres se constituem enquanto construção social e não como algo natural e imutável, pois o gênero é um elemento importante na constituição da política e das relações de poder. Essas relações são entendidas aqui nas suas variadas formas de polaridade, ou seja, o poder não é apenas bipolar, a sociedade nos apresenta múltiplas formas do ser de mulheres e de homens. Os indivíduos possuem múltiplas formas de poder, como as de homens sobre homens, homens com mais poder sobre os outros, mulheres sobre mulheres e homens sobre mulheres. A pesquisa analisou os encaminhamentos promovidos pelos grupos femininos no cenário teresinense e as interfaces dos movimentos de mulheres com questões de ordem política e comportamental da sociedade da época. Como metodologia de pesquisa foram utilizadas consultas em documentos oficiais, em fontes hemerográficas e em fontes orais, que foram analisadas sob a perspectiva teórica de autores como Michele Perrot, Joan Scott e Rachel Sohiet.

**PALAVRAS-CHAVE:** história; gênero; Teresina.

**ABSTRACT:** This paper examines the women's movement in the 1980's and its resonances in female subjectivities, discussing the continuities and changes brought about in daily life, the production of identities and relationships of sociability of its kind in Teresina. To this end, we took into account that men and women are as a social construction and not as something natural and immutable, because gender is an important element in the constitution of politics and power relations. These relationships are understood here in its various forms of polarity, in other words, the power is not only bi-

---

<sup>1</sup> Doutora em História (UFPE). Professora Adjunta (UFPI), do Programa de Pós-Graduação em História e do Centro de Ciências da Educação. Mestre em Educação (UFPI). Especialista em História Sociocultural (UFPI) e em História Política Contemporânea (UESPI).

<sup>2</sup> Mestre em História (UFPI). Professora Assistente (UESPI).

polar society presents us with multiple ways of being of women and men. Individuals have multiple forms of power, such as men over men, men with power over others, women on women and men over women. The research looked at the referrals promoted by women's groups in the scenario Teresina and interfaces of women's movements with political issues and behavior of society at the time. As a research methodology was used in official documents consultations, newspaper sources and oral sources, which were analyzed from the theoretical perspective of authors such as Michelle Perrot, Joan Scott and Rachel Sohiet.

**KEYWORDS:** history; gender; Teresina.

## INTRODUÇÃO

Entendemos que o cotidiano e as sociabilidades femininas dentro dos movimentos de mulheres, na década de 1980, envolvem práticas culturais e sociais, que de certa forma, direcionam a historiografia para novos horizontes, como a história das mulheres que durante algum tempo, ficaram à margem dos escritos historiográficos, a escrita tradicional da história não contemplava estudos sobre o feminismo, pois a concepção tradicional prevaleceu na academia como escrita oficial, produzindo uma escrita historiográfica baseada em métodos quantitativos e em verdades absolutas. Os historiadores do século XIX tinham fontes escritas e oficiais como prova concreta para os acontecimentos, o pesquisador não devia ter nenhum tipo de aproximação subjetiva com os dados colhidos, que serviam para um estudo científico concreto, o passado seria objeto de estudo isolado e não sofreria nenhuma interferência do presente.

Com a renovação dos estudos historiográficos a pluralidade de objetos de estudos, associada ao movimento feminista, trouxe a história das mulheres para a academia. Nesse momento, o campo da historiografia feminina aumenta. Mais tarde, se propõe o estudo das mulheres dissociado de movimentos, busca-se uma análise sem pretensões feministas.

Com essa proposta historiográfica, dissociada das pretensões feministas, e associada a pesquisas sobre a produção bibliográfica em relação a temática abordada, percebemos que ainda há um vasto campo a ser pesquisado, principalmente, no que diz respeito ao estudo da constituição das relações de gênero em Teresina, na década de 1980. Compreendendo a relevância do gênero como instrumento de conhecimento das condições históricas e dos movimentos de mulheres, analisaremos como os papéis de homens e mulheres, foram construídos e modificados com a inserção feminina nesses

movimentos. Fizemos um recorte temporal, espacial para facilitar à apreensão das especificidades do tema, abrangendo a década 1980 e a cidade de Teresina.

Assim, definimos a nossa pesquisa. A década de 1980, marcada por transformações na política brasileira, foi um período em que os movimentos sociais lutaram por espaços que em anos anteriores pertenciam apenas às esferas governamentais. Nesse período o Brasil passava por processos políticos e sociais que culminaram com o fim do regime militar. As rupturas e permanências desse período fazem emergir uma conjuntura política diferente dos anos anteriores.

## **1 O CENÁRIO SÓCIO-POLÍTICO E SUAS RESSONÂNCIAS SOBRE OS MOVIMENTOS DE MULHERES**

A respeito do processo de redemocratização brasileira no decênio de 1980 podemos destacar a abertura partidária e uma ascensão dos movimentos sociais, nesse período fala-se em uma interlocução entre Estado e Sociedade Civil. A partir desses acontecimentos, Sader (1988) destaca que nasciam “novos sujeitos”, pois nos anos que antecedem esse período não há uma relação efetiva da sociedade civil brasileira com os movimentos sociais devido ao rígido regime militar.

Um exemplo dessa aproximação dos civis com as configurações políticas, dos anos 1980, como citamos anteriormente, seria um maior envolvimento das mulheres brasileiras com os movimentos sociais e nas esferas que representavam efetivamente o poder, tendo como conseqüências avanços no texto constitucional, que garante a igualdade entre homens e mulheres. A imagem a seguir demonstra este cenário,

A participação feminina através de emendas, na elaboração da Constituição de 1988 foi fruto de vários projetos do Movimento de Mulheres da década de 1980. Dentre estes, destacamos o movimento feminista que se consolidou com o cenário de redemocratização brasileira, contribuindo para a criação de Conselhos Nacionais, Estaduais e Municipais referentes à problemática da mulher. Os Conselhos que representam a mulher nas esferas públicas contribuem para a discussão sobre a mulher na Constituinte. As mulheres teresinenses estavam inseridas no contexto nacional, na luta pela participação feminina na Constituição, e na solidificação de movimentos que inseriam a mulher no contexto de redemocratização em Teresina, pois,

O movimento das mulheres, ontem em Teresina, não foi dos maiores, mas reuniu muita gente e a repercussão política deste fato pode ser muito grande, na medida

em que elas levem o assunto adiante, a exemplo do que está acontecendo em várias outras capitais brasileiras. Por outro lado, os políticos que se colocarem contrários a ele poderão sofrer grandes golpes eleitorais no futuro. (JORNAL DA MANHÃ, 1987, p. 2).

O trecho acima demonstra a repercussão do movimento de mulheres na sociedade teresinense, à medida que, relaciona-o a política partidária. Outro exemplo da consolidação desse movimento em Teresina seria a entrega da carta das mulheres aos deputados constituintes, que seria um documento que representava a luta por igualdade de direitos e continha as principais reivindicações do referido movimento. Os jornais da época mostram que as teresinenses tiveram problemas com a entrega da carta aos parlamentares, destacando que:

O Piauí foi o único Estado da Federal (*sic*) onde as mulheres não tiveram espaço na Assembléia Legislativa para a entrega da Carta aos constituintes, uma manifestação aconteceu ontem em todo o Brasil, às 17 horas. Acontece que aqui, o próprio líder do PMDB, deputado Francisco Figueiredo de Mesquita, bombardeou o requerimento do deputado José Reis e por isso as mulheres tiveram que ir para o Centro de Convenções (*Ibid, Id.*).

Através do trecho exposto anteriormente podemos notar o embate operado entre deputados estaduais acerca de luta pelos direitos das mulheres, havendo dilemas variados. Ser a única unidade federativa a não acontecer a entrega física e simbólica da Carta das Mulheres aos parlamentares locais indicava muito do silêncio em que se pretendia manter qualquer movimento que seguisse esse caminho. O movimento de mulheres teresinenses não possuía nenhuma validade para muitos dos parlamentares do período, o que é evidenciado pela postura autocrática tomada por eles em relação ao evento em apreço.

Uma forma de silenciar tal movimento era descredenciá-lo perante a sociedade. Por isso, alguns parlamentares sentiam-se no direito de emitir pareceres públicos depreciativos a esse envolvimento, ou tratando-as como seres manipulados, que nada entendiam do cenário em questão. Isso estimulou posicionamentos ferozes e opressores noticiados pelos jornais locais, como as acusações feitas por parlamentares de que as mulheres que participavam desses movimentos eram consideradas como “[...] incultas na Assembléia Legislativa, gritando palavras de ordem que elas próprias não entendem” (JORNAL O ESTADO, 1987, p.2).

Dizer isso era deslegitimar o movimento e procurar descaracterizá-lo como uma manifestação pautada em circunstâncias concretas de negação aos direitos básicos. A própria acusação pronunciada pelo periódico procura tirar das participantes desse episódio o direito à livre expressão, pois ao tratá-las como “incultas” e ao afirmar que pronunciavam “palavras de ordem que não entendiam” o jornal parece desautorizá-las a se manifestarem, o que é entendido subliminarmente como sendo atribuição exclusiva do masculino, entendido como “culto” e “consciente”, em oposição a uma mulher “inculta” e “inconsciente” do que dizia.

Isso, contudo, não as fez silenciar, pois as mulheres teresinenses estavam inseridas nas discussões e nos embates ocorridos no contexto nacional, na luta pela participação feminina na referida Constituição. Uma forte expressão disso é o fato de que diante da negação da autorização do ingresso no plenário da Assembléia Legislativa, as representantes do movimento de mulheres em Teresina não desistiram e mobilizaram-se e agendaram com todos os parlamentares no Centro de Convenções, conforme notícia o *Jornal da Manhã*,

Amanhã, às 17 horas, no Centro de Convenções, será feita a entrega da carta das mulheres aos constituintes. A programação inicial previa a solenidade para Assembléia Legislativa, mas por questões de comodidade o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher e o Centro Popular da Mulher do Piauí resolveram transferir a solenidade para um local mais amplo. (*JORNAL DA MANHÃ*, 1987, p.2).

Há uma série de variáveis pronunciadas nessas fontes. A primeira é da tentativa de silenciamento pelo poder público da manifestação das mulheres ao negar-lhes o acesso ao recinto legislativo estadual. O segundo é de que isso não foi capaz de silenciar o movimento, muito pelo contrário, deu-lhe visibilidade, pois a imprensa passou a cobrir-lhe mais atentamente.

Assim, podemos considerar que o movimento de mulheres em Teresina possuía uma visibilidade que atraía grupos partidários e pessoas envolvidas com a política. Foi o que percebemos através das análises de Yasmine Ergas (1991), que propõe que a mudança eleitoral da mulher e da sua identificação partidária foi acompanhada pelo aumento da sua participação política e pela criação de instituições formais oficialmente criadas para promover os interesses das mulheres. Em Teresina podemos configurar as análises anteriores com a fala de Irene Lopes sobre o movimento de mulheres que ela coordenava, “Nossa entidade é legalizada como movimento. Agora agente quer fundar um sindicato, que assim a gente tem mais força” (*JORNAL O DIA*, 1989, p. 11).

É importante destacarmos que a oposição de alguns grupos da sociedade e os conflitos que se geraram sobre os direitos específicos das mulheres serviram para realçar a importância do movimento de mulheres teresinense, demonstrando a consolidação do movimento de mulheres em Teresina na década em questão.

Ao iniciarmos o entendimento sobre as referidas temáticas levamos em consideração que havia uma diferença entre o movimento de mulheres e movimento feminista, sendo que o primeiro é de uma aparência mais neutra, podendo ser considerado uma das concepções do feminismo. Foi o que percebemos com as análises a seguir:

Nem todos os femininos se desenvolveram com igual sucesso nos diferentes países ocidentais. Muitas mulheres preferiam apoiar os ‘movimentos de mulheres’ de aparência mais neutra em vez dos ‘movimentos feministas’; outras declaravam: ‘não sou feminista, mas...’ [...]. (ERGAS, 1991, p. 587).

Ao verificarmos a pluralidade destes movimentos resolvemos analisar as peculiaridades do nosso objeto de estudo e denominamos “os femininos”, em Teresina, no referido recorte temporal de movimento de mulheres. Já que, as mulheres que participavam de movimentos até meados de 1980 estavam mais voltadas para “melhoria das condições de vida, melhoria de renda, mas não se falava na sua mudança de posição, do princípio da equidade e de algumas bandeiras que o movimento feminino já incorpora [...]” (SILVA, 2006, p. 2).

Dessa forma, em um primeiro momento, as mulheres teresinenses mobilizavam-se por melhores condições de vida. No entanto, o trecho a seguir mostra a preocupação de uma líder do movimento de mulheres em Teresina com as questões das identidades femininas e com os papéis sociais que essas desempenhavam,

É difícil mobilizar porque muitas que vêm ao Centro de Defesa da Mulher Popular só aparecem por causa da distribuição de tickey de leite. No começo elas não pensam na nossa luta. Só com tempo é que agente vai conversando [...] no começo agente fazia reunião e ninguém falava. Agora já há algumas discussões. Mas tudo isso é coisa que vai se aprendendo com o tempo. (JORNAL O DIA, 1989, p. 11).

A partir da fala de Irene Lopes, constatamos a dificuldade que os movimentos sentiam para conscientizar seus membros. Essa dificuldade devia-se

em muitos casos à falta de instrução das participantes que, com o tempo, vão adquirindo maturidade com o movimento. Notamos que o centro servia, dentre outras coisas, para a conscientização das mulheres carentes. Mas antes disso, era visto como um espaço de acolhimento de suas necessidades mais proeminentes, como as necessidades de ordem material, só depois era tratado como um espaço de discussão de idéias e de valores.

Mas ao mesmo tempo em que constatamos essa superficialidade na conscientização política e de grupo, percebemos que algumas mulheres que participavam desses movimentos começavam a se envolver cada vez com essas questões e terminavam por desenvolver uma consciência política e em participar de vários movimentos expressivos de pressão social em relação aos direitos das mulheres no cenário teresinense.

O exemplo de Irene Lopes é singular para nossas análises, porque além de participar dos movimentos de mulheres, candidatou-se a vereadora no ano de 1992, fazendo com que os jornais da época estampassem em suas matérias o título: “ex-prostituta é candidata à vereadora”. O caráter da prostituição antecede qualquer outro atributo que ela viesse a ter, na tentativa de logo deslegitimar sua candidatura e suas propostas, bem como marginalizar qualquer pretensão apoio que ela pudesse receber.

Evidenciar sua condição de ex-prostituta era dar destaque ao julgamento moral antes de qualquer análise de projetos e, mais que isso, era informar que dessa condição social ela não demonstrava credenciais que a fizesse merecer os votos da sociedade local, sugerindo que seus eleitores – sobretudo eleitoras – seriam associados a essa condição se tornasse público tal pretensão de voto.

Mas isso não a fez recuar em sua campanha política. Na imagem a seguir, Irene Lopes está à frente de uma mobilização organizada pelo CMDM e o Centro de Defesa da Mulher Popular do Piauí, que no ano de 1988 teve como tema “Mulher por Diretos e Diretas”:



**Fotografia 1: Participação de mulheres de Teresina no Movimento “Mulher por Diretos e Diretas”.**

Fonte: CMDM, 1988.

O tema do movimento “Mulher por Direitos e Diretas” revela que as mulheres teresinenses envolviam-se com o contexto político da época e que uma expressiva parte delas ousava dele querer fazer parte como protagonista, não apenas como figurante. Nesse momento, elas lutavam pela recusa da ampliação do mandato de quatro para cinco anos para o presidente José Sarney, primeiro presidente civil depois do regime militar. Outra reivindicação era a luta pela ampliação dos direitos na Constituição de 1988, que no dia 03 de março de 1988 ainda não tinha sido promulgada.

Outra frase que chamou nossa atenção na fotografia 1 foi “Mulher rasgando o verbo e fazendo história”, em uma visível tentativa de rompimento como tratamento histórico que era atribuído às mulheres, sobretudo no concernente às interdições que lhes eram impostas, camufladas de defesa da moral e dos bons costumes, segundo o qual às mulheres era negado o direito de se pronunciarem sobre as coisas públicas, em uma clara alusão aos séculos XIX e meados do século XX. Época em que Perrot (2005, p. 459)



caracterizou como sendo “o silêncio da história”. Dessa forma, mesmo que o movimento de mulheres em Teresina possuísse um caráter pouco proeminente na dimensão institucional, constatamos que havia uma consciência política por parte dessas mulheres que poderia ser comparada ao movimento feminista.

Mesmo sem a presença do movimento feminista em Teresina, as mulheres envolviam-se com questões políticas, isto é, mesmo sem filiação partidária, havia efetivo envolvimento de mulheres em questões relativas ao cenário político e social em que o país vivenciava. É o que nos confirma Dulce Silva, que atualmente é membro do movimento feminista em Teresina, “a gente já estava se inserindo, nessa bandeira do movimento feminista, de forma meio enviesada [...] Estávamos vivendo o fim da ditadura, então eram reivindicações por melhoria de acesso aos bens e serviços. Então, era movimento das mulheres batendo panela, exigindo comida. Então, essas bandeiras tinham uma dimensão política [...]” (SILVA, 2006, p. 2).

Percebemos com a fala anterior que a política vai se construindo para as mulheres teresinenses. A entrevistada tinha consciência do cenário político do período, mas também reconhecia que se inseria no movimento feminista de maneira “enviesada”, demonstrando saber que não era um movimento planejado com os subsídios teóricos que muitos possam supor, mesmo assim, não admite que a validade e a importância desse movimento sejam minimizadas ou suprimidas da história, daí a ênfase a elas em seu depoimento.

É importante acrescentarmos que a presente análise tem o interesse de demonstrar que as mulheres teresinenses envolviam-se com as questões políticas, mesmo que sua representação nas esferas institucionais seja bem resumida. E assim observamos que esses “novos sujeitos” vão se constituindo, como ainda hoje, em um universo que antes era entendido como espaço a ser freqüentado exclusivamente por homens e interdito às mulheres, fortalecendo nossa concepção de que homens e mulheres são histórica e socialmente construídos em suas ambivalências e contradições, bem como em suas afirmações e negativas de si e do outro.

Para tanto, reafirmamos que consideramos que homens e mulheres se constituem enquanto construção social e não como algo natural e imutável, pré-definidos pelas condições biológicas, pois, o gênero é um elemento importante na constituição da política e das relações de poder. Essas relações são entendidas aqui nas suas variadas formas de polaridade, ou seja, o poder não é apenas bipolar, a sociedade nos apresenta múltiplas formas do ser de mulheres e de homens. Os indivíduos possuem múltiplas formas de poder,

como as de homens sobre homens, homens com mais poder sobre os outros, mulheres sobre mulheres e homens sobre mulheres.

Essa percepção dos sexos e das relações de gênero como consenso social é que valida a percepção do gênero. É nessa validade que Scott (1990) propõe a explosão das categorias fixas, ou seja, homem e mulher como categorias “transbordantes”, dada a sua limitação explicativa para os fenômenos sociais de caráter mais amplo e não apenas definido pela estrutura bio-fisiológica, recebendo e emitindo influências em relação ao meio social.

Dessa forma, nossas pesquisas demonstram que nesse período as mulheres teresinenses ultrapassavam os significados impressos e participavam das lutas por melhores condições de vida, mas que essas lutas não eram isentas de tensões, nem de interdições ou de apoios de grupos masculinos, mas o predominante era a tentativa de silenciamento dessas reivindicações e de suas reverberações. Ao alargar-se como sujeito histórico e como agente do processo social, a mulher também promove uma releitura dos papéis masculinos e do redirecionamento nas atuações desse ator social.

Sendo assim, os papéis vivenciados como algo limitado à possibilidade de funções restritas ao homem (público) e a mulher (privado) passavam a ser revistos e redefinidos, mas, principalmente, promoviam reflexões em homens e mulheres contemporâneos de suas atribuições sociais e da ambivalência e pluralidade na qual estavam inseridos e, mesmo sem reconhecer, se reelaboravam socialmente, pois à medida que as mulheres participavam da cena pública da cidade de Teresina, ou seja, mudavam, transbordavam, rasgavam cortinas, permitiam que os homens também o fizessem e sássem de sua rigidez, pois os incitavam, os provocam, os desafiavam a pensarem a elas e a si próprios nos espaços que lhes eram atribuídos e dos quais recusavam que sássem ou que se repensassem.

O mesmo se deu em relação às participantes dos movimentos de mulheres com grande notoriedade na cidade de Teresina na década de 1980, uma vez que também não eram um grupo homogêneo e sofreu transformações em suas manifestações e até mesmo em seus interesses e no perfil de suas integrantes, como declara uma de suas fundadoras:

Primeiro a gente pensava em fazer um grupo só de mulheres livres, que é como a gente chama as prostitutas [...] resolvemos abrir o grupo e hoje participam dele mulheres casadas, viúvas e solteiras, separadas, todas as mulheres podem participar, desde que concordem com o grupo e não tenham preconceitos [...]. (JORNAL O DIA, 1989, p.11).

Sob essa perspectiva, observamos a aceitação de muitas mulheres, com diferentes perfis, de integrarem o movimento, rompendo as proibições que lhes eram impostas pela moral da época, tão pronunciada nos meios de comunicação. Destacamos, assim, a redefinição dos espaços das mulheres na década de 1980, em Teresina. É o caso das prostitutas que se mobilizaram e formaram o Centro Popular da Mulher (CPM), liderado por Irene Santana Lopes no recorte temporal dessa pesquisa. Dessa forma, é possível perceber que a mulher, na década de oitenta em Teresina, conquistou notoriedade pública e participou dos movimentos sociais.

Irene Lopes, por exemplo, tinha uma popularidade significativa, como denotam as várias fontes encontradas nas quais ela era solicitada a se posicionar acerca de vários eventos vividos no período. Em 1989 ela concedia entrevistas para jornais, uma delas intitulada, “Irene é que é mulher de verdade” (JORNAL O DIA, 1989, p. 11). Nessa entrevista ela falava sobre sua trajetória de vida e sobre o movimento de mulheres do qual era presidente. A matéria expunha um caráter apreciativo e valorativo da figura feminina em apreço e a tratava como uma desbravadora de conquistas pessoais e coletivas, que, segundo o periódico, provocavam ressonâncias nas mulheres teresinenses de uma maneira geral, independente do grupo social ou da profissão assumida, denotando uma alteração na postura de alguns órgãos da imprensa em relação às pretensões de mulheres em atuar no cenário político partidário e que reivindicavam direitos das mulheres em manifestações públicas, o que antes era condenado e combatido.

Assim, esse período marcou profundamente o crescimento da participação popular na gestão da “coisa pública”, privilegiando a alteração da “engenharia institucional” e das correlações de força em todos os âmbitos da sociedade brasileira. Desta forma, irão nascer “novos sujeitos”<sup>3</sup>. (SADER, 1988) Um exemplo dessa aproximação dos civis com a conjuntura política, dos anos 1980, seria um maior envolvimento das mulheres brasileiras nos movimentos sociais, tendo como conseqüências avanços no texto constitucional, que garante a igualdade entre homens e mulheres. As discussões sobre medidas afirmativas para mulheres na política partidária, que aconteceram na

---

<sup>3</sup> A idéia de “Novos sujeitos” de Eder Sader está relacionada à interlocução entre Estado e Sociedade Civil no processo de redemocratização brasileira no decênio de 1980. No entanto, essas análises são pertinentes para trabalhar com os grupos de mulheres em Teresina na década de 1980 que lutavam por melhorias e avanços no seu cotidiano, pois a luta por espaços e identidades sociais das referidas mulheres encaixam-se no cenário de redemocratização brasileira da década de 1980.

década de 1980 e nas posteriores, também podem ser citadas como influências desse processo de redemocratização.

## 2 ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: REDEFININDO PAPÉIS

Notamos que a década de 1980, emerge com a pluralidade e multiplicidades de sujeitos causando uma abertura e uma redefinição para papéis femininos, o que promove também uma redefinição dos papéis e atuações masculinas, em sentido interdependente. Dessa forma, procuramos entender se essas mudanças se relacionavam apenas com os espaços públicos ou se a vida privada também sofria modificações. Perguntamo-nos se a inserção das mulheres nos espaços públicos levaria a mudança nas relações afetivas e familiares entre homens e mulheres. Como as transformações ocorridas no contexto sociocultural e político influenciaram as formas de subjetivação feminina e como as mulheres que participavam dos referidos movimentos foram ocupando novos espaços no viver cotidiano da cidade?

Em alguns movimentos populares da década de 1980, notamos participações dos Conselhos Municipais em conquistas importantes para o período. O CMDM<sup>4</sup> Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres, por exemplo, tem uma efetiva participação no processo de criação da Delegacia Especializada para mulheres em Teresina.

A Delegacia Especializada para Mulheres leva-nos a perguntar o que leva uma sociedade a definir que existem crimes direcionados para mulheres e nos faz perceber mudanças nas relações de gênero em Teresina, nos anos da referida pesquisa.

É importante destacarmos que havia uma heterogeneidade dentro dos movimentos sociais. Como exemplo, temos o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (CMDM), Centro Popular da Mulher (CPM) - movimentos de mulheres que lutavam por políticas públicas, por melhorias de vida, e criação da Delegacia Especializada de Mulheres. Assim, a década de 1980 provoca mudanças no viver cotidiano da cidade e nos leva a considerar que os espaços femininos se reconfiguravam e que as relações de gênero mudavam no referido recorte temporal. Percebemos ainda, que os

---

<sup>4</sup> Os Conselhos Populares – divididos em Conselhos Sindical, Comunitário, Estudantil e da Juventude, Social e dos Direitos Humanos, foram definidos, segundo propostas dos estatutos, como órgãos consultivos da Prefeitura Municipal e cujos principais objetivos são o de fazer as integrações governo-movimentos populares, definir políticas de valorização das categorias e setores representativos, e estimular o sindicalismo profissional e o convívio comunitário.

homens eram impactados ao perceber as mulheres nos espaços públicos, enquanto mulheres as mulheres afirmavam que tinham necessidade dessa inserção na vida política, mas nem todas as pronunciavam, nem tampouco apoiavam que o fizesse. São esses conflitos entre masculino e feminino que estão se definindo a partir dos movimentos de mulheres em Teresina na década de 1980.

Como exemplo, temos o caso de Irmani Veloso, vereadora de Teresina na década de 1980, que considera que a participação na política partidária afetou suas relações familiares. A vereadora destaca que tinha uma dupla jornada e isso a fazia se dividir entre cuidar dos filhos, do marido e da política. No entanto, segundo ela, o marido não aceitava essa divisão e muito menos a sensação de perder o domínio da atuação política, uma vez que ele teve que sair da cena política para a mulher candidatar-se pelas circunstâncias da época. De acordo com seus relatos, isso o fazia se sentir diminuído frente à posição ocupada pela mulher, o que acarretou uma série de desentendimentos familiares, indicando a permanência do receio masculino na perda da condução da vida política e do prestígio social da família.

Relatando episódios que realçam esse inconformismo do seu então marido com sua atuação político-partidária, a vereadora de Teresina declara ainda que, “lamentavelmente o homem não está preparado para ser colocado em segundo plano, ele tem sempre que ser o primeiro” (VELOSO, 2006, p.3).

Ela relata, inclusive, que as correspondências que vinham endereçadas para a vereadora e sua família incomodavam tanto seu marido que ela chegou ao ponto de ir ao Cerimonial da Câmara de Vereadores para pedir que estas fossem endereçadas a ele, explicitando o grau de tensão vivido em seu relacionamento pela sua inserção na vida política de maneira explícita, pois ela relata que sempre participou do cenário político-partidário, mas na condição de esposa de político – em um papel secundário, do qual nunca foi encarada como ameaça – mas quando assumiu o cenário central da vida política, o seio familiar sofreu algumas rugas.

Nesse momento, embora reconheça que o modelo de mulher viesse sendo revisto, a vereadora admite que negociava com a própria estrutura que ela vinha rompendo, sobretudo em razão do desejo de manutenção dos laços de famílias e da harmonia no espaço privado. Se era necessário, é porque as transformações não eram entendidas como regra dentro da configuração histórica em tela, muito menos que isso era tratado como natural pela família da vereadora e por ela própria, uma vez que a fazia deslocar-se à Câmara dos Vereadores para solicitar a substituição de seu nome pelo nome

do marido em convites oficiais, como querendo reafirmar sua condição de “cabeça da família”.

Os relatos da vereadora nos levou a questionar como os modelos de família, em seus arranjos múltiplos, possibilitaram pensar as relações afetivas entre homens e mulheres no período em questão, transpondo as dimensões meramente públicas. As lutas por poderes e os conflitos sobre a releitura dos papéis sociais e familiares ficam notórias, mas também o ficam as conquistas que aos poucos eram implantadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conquistas que envolveram as mulheres teresinenses no cenário público e privado nos anos de 1980 são relevantes e demonstram o quanto foi importante a organização do movimento de mulheres para discussões que exigiam melhorias de condições de vida para essas novas atrizes sociais, sem, contudo, ignorar que também sofreram restrições e não aconteceram no mesmo ritmo e intensidade para todas as mulheres.

Essas tensões se deram tanto por meio da tentativa de deslegitimação das mulheres envolvidas nesses movimentos – seja pela sua condição de entendimento e politização – seja pela acusação de sua afronta à moralidade instituída – mas também ocorreram no cenário privado, este considerado o responsável pela emissão dos interditos mais sonoros e eficientes no ato de coibir as mulheres rumo às conquistas pretendidas, pois as atingia naquilo que era tratado como mais precioso pela maioria das entrevistadas: a harmonia familiar.

O embate entre essas realizações e as restrições emitidas a elas é tão intenso que fizeram com que muitas recuassem em suas pretensões, mas não foram suficientes para silenciá-las completamente, muito pelo contrário, muitas das mobilizações, trouxeram transformações tanto na vida das mulheres quanto na vida dos homens, em um movimento interrelacional que os envolveu no período em apreço, trazendo repercussões para as décadas seguintes.

Podemos, portanto, considerar que nos referidos anos, as mulheres teresinenses discutiam problemas que em décadas anteriores faziam parte apenas do cenário masculino. Essas discussões que foram encontradas em jornais da época e entrevistas com mulheres envolvidas com o referido tema, na década de 1980, demonstram que esses novos sujeitos sociais deixaram suas marcas e contribuíram para a efetivação de muitas transformações que

marcaram o período, transformações que se pronunciaram em uma frenética negociação com as permanências, dadas as peculiaridades da desafiadora e sedutora história, que traz marcas indeléveis de sua força na vida humana.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história de estudantes universitárias em Teresina (1930-1960)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, George; PERROT, Michele. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamentos, 1991.

FREITAS, Sônia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: PETER, Burker (Org.). *A escrita da história*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p. 267.

JORNAL O Estado de 1980 a 1989.

JORNAL O Dia de 1980 a 1989.

JORNAL Da Manhã de 1980 a 1989.

LE GOFF, Jacques. História. In: *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 419-541.

MEDEIROS, Jayra Barros. *Abrindo cortinas: trajetória das mulheres teresinenses nos movimentos político-sociais nas duas últimas décadas do século XX*. 2006. Monografia (Graduação em História) – UESPI, 2006.

PERROT, Michele. Público, privado e relações entre sexos. In: *As mulheres ou o silêncio da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: Edusc, 2005.

PINTO, Céli Regina. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas, e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. História das mulheres. In: BURKER, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-95.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: Ensaios sobre teoria e metodologia*. São Paulo: Campos, 1997.

\_\_\_\_\_. Transgredindo e conservando mulheres conquistam o espaço público: a contribuição de Bertha Lutz. *Labrys, estudos feministas*, n. 1-2, jul./dez. 2002.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, p. 281-300, jul./dez. 2007.

SILVA, Maria Dulce. Entrevista concedida a Jayra Barros Medeiros em 18/10/2006.

VELOSO, Irmani. Entrevista concedida a Jayra Barros Medeiros em 23/10/2006.